

A GEOGRAFIA HISTÓRICA COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO PARA A COMPREENSÃO DA COMUNIDADE RURAL DE LINHA ESPERANÇA - PRUDENTÓPOLIS - PARANÁ

Historical geography as an investigation field to understand the Linha Esperança Rural Community in Prudentópolis, Paraná, Brazil

Cecília Hauresko*

***Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO**

Campus Universitário CEDETEG / Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes / Curso de Geografia

Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03 – Vila Carli – Guarapuava, Paraná, Brasil – CEP: 85040-080

chauresko@unicentro.br

RESUMO

O estudo busca recuperar os principais aspectos paisagísticos e econômico-sociais da comunidade rural de Linha Esperança. Essa localidade surgiu por volta de 1897, no município de Prudentópolis, região sudeste do Paraná, com a vinda de imigrantes ucranianos para o Brasil. A história de Linha Esperança ainda não foi ampla e oficialmente registrada, portanto, para resgatar os principais acontecimentos de seu período inicial, recorreu-se aos registros documentais do período e à memória de alguns moradores e seus depoimentos que muito enriqueceram o trabalho realizado, quando somados às informações constantes nos registros paroquiais existentes. Nesse sentido, a abordagem baseada na geografia histórica subsidiou toda a construção do trabalho por permitir, via um inventário de informações acerca dos principais instantes que ficaram marcados no tempo e reconstituir com maior fidedignidade a geografia do passado de Linha Esperança, que nos faz compreender a geografia do presente. Para fundamentar este trabalho, utilizou-se a linguagem fotográfica, pesquisa bibliográfica e história oral. Salienta-se o interesse em continuar as discussões sobre a geografia histórica da localidade e reiterar o valor deste campo de investigação como fonte importante de informação acerca do passado, com vistas à compreensão da dinâmica local contemporânea.

Palavras-chave: Geografia histórica. Linha Esperança. Prudentópolis (PR), passado, presente.

ABSTRACT

Current analysis recovers the main landscape and social and economical aspects of the Linha Esperança rural community which was established in the south-eastern municipality of Prudentópolis PR Brazil around 1897 when immigrants from the Ukraine arrived in Brazil. The history of Linha Esperança has still to be written. The documents and registers of the period and the individual and collective memory of some inhabitants have to be recovered to establish the main events of the initial primordial era. In fact, the depositions of early inhabitants coupled to the parish registers are invaluable sources for current investigation. The approach based on historical geography foregrounded research comprising information of the main events still remembered and the trust-worthy reconstruction of the geography of the primordial Linha Esperança so that present geography could be understood. Photography, bibliographical research and oral history have been resorted to for the above purpose. It is highly relevant that discussions on historical geography of the place should be maintained. In fact, this investigation field is an important source of information on the past history of the place for the comprehension of the locality's contemporary dynamics.

Keywords: Historical geography, Linha Esperança, Prudentópolis (PR) Brazil, past history, present time.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca evidenciar os elementos históricos e geográficos presentes na configuração e transformação da comunidade rural de Linha Esperança, Prudentópolis (PR). Para

isso, buscou-se o apoio da geografia histórica, que permite a reconstituição espacial dos processos de ocupação de territórios e a espacialização de eventos que marcaram e marcam a localidade. De acordo com Solórzano *et al* (2009, p. 63), “a geografia histórica tem sido um rico campo de ideias e concepções a respeito da interação do ser humano com o espaço numa sequência temporal”. Portanto, esta associação espaço-temporal da geografia histórica tem muito a contribuir para a compreensão da configuração da localidade de Linha Esperança.

O ano de 1853 marca a emancipação política do Paraná que pertencia à província de São Paulo. Após a emancipação, milhares de imigrantes, dentre eles alemães, italianos, poloneses e ucranianos, chegaram ao Paraná em busca de trabalho e terras férteis. Importante dizer que os imigrantes ucranianos foram instalados em regiões pouco desbravadas e ali permaneceram desenvolvendo a agricultura em pequenas propriedades, isto porque já detinham um perfil para este tipo de atividade, ao contrário de outros grupos étnicos, como no caso dos alemães que se dedicaram às atividades nos centros urbanos.

Estes grupos tiveram grande importância na construção do Estado e na formação das colônias nas diferentes regiões, considerando que participaram ativamente da abertura de estradas e construção de rodovias na década de 1880, as quais faziam ligação com São Paulo e com o litoral do Paraná, além da abertura daquelas que ligavam os núcleos locais onde estavam sendo assentadas as famílias, contribuindo para acelerar a ocupação e o povoamento da província.

Nesse período, o Estado do Paraná, em diferentes concentrações espaciais, acolheu imigrantes europeus envolvidos na colonização governamental dirigida e assentou famílias de imigrantes de maneira relativamente coesa e etnicamente homogênea, especificamente na região da Floresta Ombrófila Mista e nas proximidades da capital do Estado, Curitiba.

O município de Prudentópolis que compõe a região Sudeste do Estado do Paraná, no ano de 1895 recebeu em torno de 250 famílias de imigrantes ucranianos (GOMES, 1972), que vieram da Galícia e da Bukovina, região ocidental da Ucrânia, configurando nesse pedacinho do Estado a maior colônia de imigrantes ucranianos no Brasil. Aqui este grupo foi distribuído em comunidades relativamente homogêneas, às margens de estradas municipais que estavam sendo abertas, resultando em uma ocupação espacial em forma de linhas, configuração essa que permanece. Por este padrão de povoamento, as comunidades rurais receberam o nome de Linhas, ou melhor, foram de linhas as primeiras estradas que serviam de acesso aos locais de povoamento dos imigrantes ucranianos, na Colônia Federal Prudentópolis. Essas linhas foram abertas ao Norte e Oeste do povoado ou vila, denominado, na época, de São João de Capanema (atual sede administrativa do município de Prudentópolis). As Linhas coloniais não configuravam colônias propriamente ditas, mas ramificações, a partir da sede da Colônia.

Inúmeras levas de imigrantes fizeram essa colônia expandir seus limites em diversas linhas coloniais, para além da sede ou vila. Dessa forma, as terras de Prudentópolis foram divididas em 30 linhas: Linha Rio dos Patos, Linha Cândido de Abreu, Linha Nova Galícia, Linha Cônsul Pohl, Linha Antonio Olinto, Linha Barra Vermelha, Linha Ivaí, Linha Carlos Gomes, Linha Luiz Xavier, Linha Sertório, Linha Santos Andrade, Linha Vicente Machado, Linha Guarapuava, Linha Esperança, Linha Paraná, Linha Piquiri, Linha Capanema, Linha Eduardo Chaves, Linha Maurice Faivre, Linha 7 de Setembro, Linha União, Linha Inspetor Carvalho, Linha Rio Preto, Linha Visconde de Nácar, Linha Dezembro, Linha Visconde de Guarapuava, Linha XV de Novembro, Linha Ponte Nova, Linha Ponta Alta, Linha Tiradentes.

Esse município, dada à política de colonização, também apresenta diferenciações no modo de utilização e organização do espaço de produção agrícola, na organização social e cultural de sua população, que se traduzem em uma paisagem diferenciada: os espaços das imponentes igrejas do rito ucraino-católico; a arquitetura das casas no estilo trazido pelo imigrante; os eventos festivos e as formas particulares de se relacionar das pessoas são peculiaridades desse grupo social, cuja história e geografia têm relação intrínseca com os imigrantes ucranianos que ali chegaram no final do século XIX.

Nesse sentido, entendemos que as representações simbólicas e as práticas associadas ao passado não podem ser interpretadas como meras lembranças. De acordo com Tedesco (2001), são camadas múltiplas do tempo e espaço que supõem significados e valores culturais em conflito, representações percebidas e confrontadas com as formas de existência atuais.

2 A COMUNIDADE RURAL DE LINHA ESPERANÇA

A comunidade rural de Linha Esperança (localizada entre as comunidades rurais de Linha Ivaí 1ª e 2ª Seções, Linha 7 de setembro, Linha Piquiri, Linha Santos Andrade, Linha Paraná) no ano de 1897¹, se tornaria uma das comunidades cuja maioria era formada por imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil e se estabeleceram em colônias criadas para fins de colonização por europeus, sendo uma delas a colônia federal Prudentópolis. Nessa colônia ao Norte e ao Sul da vilinha (pequeno centro de população adensada), foram criadas as linhas, cujas terras em ambas as margens eram recortadas em lotes de aproximadamente 25 hectares e, ali eram assentadas as famílias dos imigrantes.

Intitulada de Colônia Esperança, essa comunidade teve seu início no ano de 1895, quando se inicia a demarcação das terras destinadas para a colonização por imigrantes europeus, pelo governo brasileiro. Assim começa a história dessa comunidade rural.

Não há registros que justifiquem a escolha do nome Esperança. Possivelmente, este guarda relação com os sentimentos dos pioneiros que tiveram dias de trabalho duro e fisicamente desgastante, abrindo caminhos em meio à mata virgem, enfrentando as adversidades da floresta, convivendo com a falta de recursos e tentando vencer a distância que os separava de outros grupos ou povoamentos.

Com a chegada dos primeiros imigrantes, a localidade foi subdividida pelos representantes do governo em 66 lotes, cada qual pertencente a uma determinada família.

Segundo depoimentos de moradores mais antigos da comunidade, os primeiros imigrantes ucranianos que chegaram à Linha Esperança encontraram “muito mato”, uma paisagem natural com matas virgens repletas de araucárias centenárias e animais por eles nunca vistos. O cenário com o qual se depara o imigrante era totalmente estranho, conforme indicam os relatos dos moradores atuais, com base na memória de seus antepassados.

Logo nos primeiros dias, os próprios colonos começaram a modificar essa paisagem natural, abrindo clarões na mata para construir suas casas e estradas que permitissem o acesso dos imigrantes a todas as direções do município. À medida que a abertura de estradas avançava, os imigrantes que já estavam estabelecidos começaram a preparar o terreno para plantar a primeira safra agrícola. A agricultura era desenvolvida nos moldes dos povos indígenas que por ali transitavam.

A comunidade rural de Linha Esperança abrange aproximadamente 1.800 hectares, ou 743,8017 alqueires paulistas, de extensão territorial. Não há registros precisos sobre a instalação da primeira moradia na comunidade, porém, baseando-se em um breve histórico da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, compreende-se que o povoado de Linha Esperança ganhou *status* de comunidade no início no ano de 1897 (Koubetch, 2010), com a instalação da primeira igreja do rito greco-católico. Observa-se que a construção da comunidade e do espírito de pertencimento ao mesmo grupo teve início com a vinda dos padres basilianos da Ucrânia, por solicitação dos próprios colonos, e a construção da 1ª igreja ucraniana da localidade.

Face aos resultados obtidos com a construção da igreja que agregava as famílias da comunidade, bem como com o crescente fluxo de pessoas que passava pela comunidade, sem demora, foram sendo montadas casas de comércio que vendiam produtos não produzidos na comunidade. A compra desses produtos era feita na base da troca, segundo relatos dos moradores respondentes. Os colonos produziam feijão, milho, arroz, ovos etc., e trocavam na “venda”² por

produtos industrializados, como farinha de trigo, açúcar, vinagre, querosene para lampiões, sal, dentre outros.

As casas de comércio, segundo informações dos moradores, foram transformando a localidade em um pequeno, mas importante centro comercial e de serviços. A localização da comunidade favoreceu o destaque que esta passou a ter, tendo em vista que se tornou a única passagem das pessoas que pretendiam ir da cidade para as frentes de abertura de estradas que não paravam de avançar no sentido Norte do município.

Logo, a comunidade centralizou muita das funções, como escola (Figura 1), igreja, comércio e serviços, que antes poderiam ser encontrados somente na pequena cidade Prudentópolis ou “vilinha”, como era conhecida (GOMES, 1972).

Figura 1 – Escola Rural Municipal de Linha Esperança – Ensino Primário.



Foto: Projeto Político Pedagógico – PPP, 2008.

Nos primeiros anos da formação, a comunidade prosperou tanto que até surgiram boatos de que ali estava se formando uma nova cidade. Meio século depois, a comunidade ainda era a única que tinha igreja, escola e comerciantes bem-sucedidos.

Aos poucos, os imigrantes agricultores foram comprando animais como o cavalo para ser utilizado como força motriz na aragem das terras, no transporte de pessoas e cargas e para puxar as carroças, bastante utilizadas desde a instalação da comunidade até por volta dos anos 1990-2000.

Observa-se que muitas são as fases pelas quais passou Linha Esperança, fato que exige maior aprofundamento, porém, neste trabalho, abordam-se apenas os principais aspectos da formação territorial e socioeconômica de Linha Esperança, buscando compreender a sua geografia ligada à sua história.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Quantas pessoas não afirmariam: Por que falar do passado se vive o presente? As pessoas vivem o presente, porém viver o presente significa também estar consciente do passado, abrigar a

memória de tempos já passados, vividos, e manter a lembrança de fatos que marcaram a vida passada. Já no plano do espaço, pode-se afirmar que o mesmo acontece.

De acordo com Sampaio (2010, p. 5):

Os tempos passados adquirem expressiva significância, em especial porque podem explicar muitos eventos e características do presente. Assim, tais lugares, se não tiverem suas histórias identificadas e registradas, ao longo do tempo; seus processos diacrônicos (e modos evolutivos), das mais variadas naturezas (econômica, espacial, urbana, política etc.), analisados e compreendidos; e suas heranças físicas reconhecidas e preservadas, pelo menos em parte, enfrentam o risco de perder suas identidades, ver ruir seus marcos característicos, e assistir ao total desaparecimento de formas materiais que representam testemunhos concretos de tempos, técnicas e ações humanas passadas.

Nesse sentido, o trabalho buscou apreender os principais aspectos referentes à formação territorial e socioeconômica da comunidade rural de Linha Esperança do município de Prudentópolis no Paraná, utilizando, para tal abordagem, o campo de investigação da geografia histórica, que corresponde à adoção de uma linha de raciocínio que permita compreender a construção dessa localidade como um processo histórico e tempo e espaço são considerados como categorias de igual valor. Ambos são tomados como uma totalidade carregada de relações sociais que se estabelecem de acordo com os eventos, cujas repercussões adquirem escala mundial/internacional e aqueles cujo sentido e significado são percebidos apenas em determinada localidade. Em decorrência, surgem diferentes formações espaciais ligadas àquelas do lugar. Nessa acepção, segundo Brandão (2009, p. 48), “Quando novas práticas tomam lugar na história, porém, há uma ruptura na ordem estabelecida, impondo mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais, produzindo reflexos na modelagem do espaço abordado”. Neste caso, há um rompimento do processo histórico vigente e o início de um novo quadro da realidade, nas suas várias dimensões.

Assim, em cada um desses momentos temporalmente delimitados, deve-se analisar, além dos eventos significativos, o papel dos agentes de produção do espaço e as transformações e permanências que se pode verificar num determinado lugar a partir da atuação dessas forças, revelando as espacialidades próprias de cada momento da história, que, neste caso, diz respeito à comunidade rural de Linha Esperança.

De forma geral, o período em exame corresponde ao ano de 1896, quando da criação da Colônia Federal Prudentópolis resultante da política de colonização por imigrantes europeus. Tal temporalidade corresponderia, grosso modo, a um período “natural” na região Centro-Sul do Estado, dada a marcada presença da natureza nos esparsos locais edificadas e com população residente bastante dispersa e em número reduzido.

O segundo período em exame é o que denominamos de atual. Neste, analisa-se a dinâmica recente, os aspectos paisagísticos e econômico-sociais de Linha Esperança, com o intuito de perceber os principais agentes de transformação e produção desse espaço na contemporaneidade, destacando as novas práticas que remodelaram a paisagem da comunidade, além de descrever as mudanças na paisagem e na vida social, buscando compreender a mudança histórica deste fenômeno geográfico.

Entre os procedimentos adotados, destacam-se: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas, em especial com as mais idosas da comunidade, e coleta de registros fotográficos, guardados pelas famílias que permaneceram na comunidade. Porém, deve-se lembrar que as imagens técnicas (produzidas por câmeras, como é o caso da fotografia) são recortes de tempo e espaço da realidade, portanto não conseguem dar conta de reproduzir todo o ambiente de que, um dia, fizeram parte. Para Flusser (2002, p. 15), as “[...] imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas”.

Para fortalecer o alicerce e complementar as informações obtidas pelo uso da fotografia como documento histórico e outros escritos, utilizou-se a entrevista e a história oral. Meihy (2002, p.06) recomenda a utilização de relatos aliados a outros documentos e afirma que “mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória”.

4 A GEOGRAFIA HISTÓRICA COMO ALICERCE

A geografia histórica tem como fundamento a história, porém não pode ser confundida com a história, dado que a geografia histórica se norteia por caminhos outros, bem como se diferencia da história pela natureza das suas análises, e, como reforça Silva (2012), a geografia histórica tem inquietações distintas, em termos de preocupações e natureza das análises.

De acordo com Sampaio (2010, p. 5), “a Geografia, como ciência que privilegia o estudo da dimensão espacial de uma realidade que é multidimensional, tem enfatizado o caráter cumulativo dos espaços historicamente e socialmente construídos (ou territórios)”.

Doreen Massey (1984 apud SAMPAIO, 2010, p. 6) observou que, na maioria das vezes, os lugares são frutos de longas e diferentes histórias, ou evoluções. Desse modo, no transcorrer do tempo, atividades econômicas e formas sociais diversas surgiram, dominaram e perderam importância. Algumas delas foram mais duradouras que outras, mas todas acabaram, em maior ou menor proporção, deixando suas marcas, suas memórias, nos locais de ocorrência.

Para Abreu (1998, p. 79),

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido à essa procura de diferença. A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado.

Para Norton (1984, p. 30 apud SILVA, 2007, p. 6),

O que distingue a geografia histórica da história propriamente é que, do ponto de vista da periodização, não há para a geografia histórica uma divisão lógica entre passado e presente, sendo a tarefa do geógrafo histórico não apenas descrever sobre as mudanças na paisagem, mas compreender a mudança histórica do fenômeno geográfico.

A abordagem da geografia histórica nos ajuda a compreender a paisagem existente, descobrindo, através de formas criadas em momentos históricos diferentes, a coexistência desta no momento atual. Para tanto, nos apoiamos na abordagem da geografia histórica, ramo da geografia que analisa as relações estabelecidas entre o homem e a natureza ao longo do processo histórico.

Se a geografia se coloca como um campo de conhecimento preocupado com a dimensão espacial da sociedade, não se pode esquecer que os fenômenos sociais são, também, temporais. Tempo e espaço, fenômenos inter-relacionados e que ocorrem de modo simultâneo, são tomados pela filosofia e pela ciência como categorias universais e históricas, respectivamente. Portanto, estas categorias não são prisioneiras desta ou daquela ciência e podem, conseqüentemente, ser apreendidas por todas (ERTHAL, 2003, p. 30).

De forma simplificada, pode-se afirmar que a geografia histórica estuda as características e evolução dos espaços históricos, sua morfologia, paisagem e organização territorial, assim como sua formação social. Com base em Santos (2004), a geografia histórica procurou fazer uma geografia no tempo, reconstruindo as geografias do passado.

Para Norton (1984, p. 30), o que diferencia a geografia histórica da história é que não há para a geografia histórica uma divisão lógica entre passado e presente, sendo a tarefa do geógrafo histórico não apenas descrever sobre as mudanças na paisagem, como também compreender a mudança histórica do fenômeno geográfico. E, da mesma maneira, a história não pode descuidar a geografia, pois os fatos que ela contempla necessitam de um cenário onde possam se desenvolver.

Neste sentido, papel fundamental deve ser dado à chamada geografia histórica que, inclusive, além de se preocupar em recuperar as espacialidades pretéritas que marcam as espacialidades atuais, busca metodologias apropriadas e esforça-se em refletir a categoria tempo, a fim de fornecer subsídios à abordagem espacial e temporal (ERTHAL, 2003, p. 30).

A ação humana tende a transformar o meio natural em meio geográfico, isto é, em meio moldado pela intervenção do homem no decurso da história (DOLLFUS, 1982 p. 29). Segundo o autor (p. 11), toda paisagem que reflete uma porção do espaço ostenta as marcas de um passado mais ou menos remoto, apagando ou modificando de maneira desigual, mas sempre presente.

Importante considerar que a paisagem é qualificada pela história. Os seus atributos são conferidos pela atividade transformadora dos homens organizados em sociedade. As circunstâncias econômicas, políticas e culturais que envolvem essa atividade humana transferem-se para a paisagem. Nesse processo de produção do espaço geográfico, a natureza original e a herança da atividade das gerações anteriores funcionam como suporte, limitação objetiva e recurso para as gerações do presente.

Nesse sentido, não podemos olhar a feição de uma localidade rural, de uma estrada ou mesmo de um bairro ou uma rua como paisagens estáticas. É necessário também compreender os processos socioespaciais que deram a forma e o conteúdo àquela paisagem. Quando, por exemplo, olhamos para uma estrada, uma roça, o que vemos são formas espaciais inseridas em um espaço rural que os influencia e os diferencia. É importante insistir que as formas não podem ser analisadas separadamente de sua função ou conteúdo, pois não possuem autonomia própria: “o que muitos não conseguiram entender no passado é que a forma só se torna relevante quando a sociedade lhe confere um valor social” (SANTOS, 1992, p. 54).

Sendo assim, se estudássemos qualquer porção do espaço rural separada do seu significado, suas atividades, suas funções desempenhadas no campo e sua evolução histórica, correríamos o risco de cair naquilo que Corrêa (1992) denomina de “espacialismo estéril”, ou seja, ficaríamos apenas nas aparências, sendo impossível ver a sua essência, a sua concretização.

Segundo Santos (2004, p. 104), a paisagem existe por meio de formas criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. As formas perceptíveis na paisagem, hoje, certamente exercem uma função atual, que é consequência das necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram em diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade de hoje (SANTOS, 2004, p. 104). De acordo com Santos (2004, p. 104), a paisagem e o espaço são sempre uma espécie de palimpsesto em que, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. “O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro” (SANTOS, 2004, p. 104).

Isso quer dizer que, para a apreensão da atual configuração do espaço geográfico, fazem-se necessários o conhecimento e o entendimento do processo histórico de formação, no qual estão inseridos os eventos. É a partir da junção desse olhar geográfico à análise histórica dos processos,

que alteraram a forma-função da comunidade rural de Linha Esperança ao longo de décadas, que se conduz a discussão.

“A geografia histórica ou geografia do passado é o ramo da geografia humana que trata da análise das relações estabelecidas entre o homem e a natureza ao longo do processo histórico” (PIRES, 2008, p.10). Em resumo, pode-se afirmar que a geografia histórica estuda as características e evolução dos espaços históricos, sua morfologia, paisagem e organização territorial, assim como sua formação social.

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como *tempo*, não porém como espaço; o momento passado já não o é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (SANTOS, 2004, p. 14).

Para Milton Santos, a geografia histórica procurou: “fazer uma geografia no tempo, reconstruindo as geografias do passado” e “[...] A geografia histórica pretende retrair o passado, mas ela o faz assentada no presente, isto é, a partir do momento em que é escrita”. Para Santos, “[...] a periodização histórica poderia ser o instrumento adequado para enfrentar o tratamento adequado do espaço em termos do tempo. Sem dúvida, a cada sistema temporal o espaço muda” (SANTOS, 2008, p. 51).

A principal oposição entre a geografia histórica e a geografia tradicional foi a revalorização da ciência da história no estudo dos processos geográficos e dos aspectos socioculturais na análise dos processos espaciais. Entende-se que, entre todas as ciências, a história é a de relação mais familiar com a geografia. A geografia utiliza-se da história para poder compreender a construção do espaço, em tempos passados, ou seja, o espaço é resultado da construção mútua dos diferentes períodos históricos. Contudo, segundo Pires (2008, p.02), “estudar o meio geográfico também é uma condição imprescindível para o conhecimento histórico”.

De acordo com Abreu (1998, p. 88),

É fundamental que não esqueçamos jamais que a história de um lugar é o resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, de processos que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. Assim, a história de um lugar não pode se ater aos processos puramente locais que aí tiveram efeito. Ela precisa relacioná-los a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas (regional, nacional, global) da ação humana. Isto não pode ser feito, entretanto, às expensas da compreensão das singularidades locais e da sua devida valorização.

Como analisar o espaço sem o estudo da história? Estudar o espaço requer obrigatoriamente a reconstituição de seus elementos históricos, da história de sua produção. Isso requer, inevitavelmente, que o geógrafo reconheça a noção de tempo como um elemento fundamental para os estudos geográficos.

5 A COMUNIDADE RURAL DE LINHA ESPERANÇA NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS

O exame do processo de construção do que hoje denominamos de Linha Esperança nos mostrou que a formação da comunidade rural no período de colonização europeia no Paraná (1ª

Fase: 1895-1896) teve início com a apropriação da natureza pelo colono em conformidade com o que Santos (2004) denominou de Meio Natural. Naquele momento, o colono se depara com matas densas que deveriam ser desbravadas para dar início à produção que estava associada à oferta da natureza, sem imposições das técnicas (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Colonos ajudando na demarcação dos lotes.



Fonte: Museu do Milênio, 2010.

Figura 3 – Imigrantes (homens e mulheres) trabalhando na abertura de estrada.



Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis (PR).

A comunidade que se formou era, pois, o resultado de um modo de produção que obtinha dos componentes naturais das matas paranaenses o necessário, sem a introdução de técnicas capazes de produzir grandes transformações de caráter socioespacial, mesmo que os colonos tenham aberto vários “clarões” na floresta para morar e para desenvolver a agricultura (Figura 4).

Figura 4 – O início da vida dos colonos em Prudentópolis, 1910.



Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis (PR), 2010.

Para além do Estado brasileiro, dos agentes econômicos e dos colonos ucranianos que vieram em busca de terras e outros ganhos, a Igreja teve papel fundamental como agente de produção do espaço na atual comunidade rural, quando da realização de encontros religiosos nas casas dos colonos. Em 1896, o Padre Ucraniano Oreste Kizyma comprou um lote para a construção da igreja, conforme consta no quadro 01.

Linha Esperança tem uma longa história, que remonta aos primórdios da imigração ucraniana no Brasil. “Sua história adquiriu uma sistematização razoável, mas deve ser melhorada”, nas palavras do Dom Volodemer Koubetch, OSBM (KOUBETCH, 2010).

A vida das famílias estabelecidas na Linha Esperança tem relação inerente com a igreja e a escola.

Estas duas instituições ocupam lugar central nessa localidade. A organização social e cultural da comunidade desde 1897 foi estimulada pela igreja e pela escola também inicialmente coordenada pelas Irmãs de Maria Imaculada (Figura 5).

O primeiro sacerdote foi o missionário ucraniano Padre Silvestre Kyzema, OSBM, que chegou ao Brasil em 1897 e, em 1898, pregou as primeiras Missões na cidade de Prudentópolis e suas comunidades rurais, sendo Linha Guarapuava e, em seguida, na Linha Esperança. Todos os encontros religiosos eram realizados em casa de famílias. No ano de 1900, o Padre Silvestre começou a incentivar o povo a construir uma igreja com o objetivo de formar o povo na fé cristã, pois este estava muito abandonado, sem liderança, e a imoralidade era grande. A igreja e a escola eram os dois eixos em torno dos quais seria possível preservar o povo do perigo do abandono religioso e moral (KOUBETCH, 2010, p. 9-10).

Quadro 1 – Os primeiros lotes na Linha Esperança e seus respectivos proprietários – Livro de Registro – 1896 – Paróquia São Josafat.

1. Nicolao Symczyszyn	2. Maksim Fusczyn	3. Hwyn Wenes
4. Ana Tarnowska	5. Felix Kachim	6. Bazilio Tarnowski
7. Miguel Baczniak	8. Wasyl Babek	8A. Miguel Dmyterko,
9. Grigorio Pankiówioz	10. Miguel Zubek	11. Woitko Mormul
12. Nicolao Rodyna	13. João Sluzowski	14. Estephano Pohydynak
15. João Sluzowski	16. Tyinko Dylowski	17. Mikita Hladki
18. Pedro Karezwski	19. João Cisakowski	20. Jozé Dizere Maiens
21. Silvestre Kizyma	22. Nicolao Telewiak	23. Cazemiro Mucha
24. Gustawo Iliwak	25. Constante Mictki	26. Ludowico Rygiel
27. Jasko Rygiel	28. Stephan Dowhan	29. João Ochocki
30. Jozé Florsz	31. Miguel Ochocki.	32. Miguel Burakoski
33. Daniel Tracz.	33A. Vasil Leniwy	34. Maria Wroblewski
35. Estephano Panczuk	36. Estephano Szewczuk	37. Dominik Marczuk
38. Simão Bencal	39. Vicente Lis	40. Demetrio Trojanowski
41. Jurko Hlewko	42. Miguel Lukosmorski	43. Ignacio Mazur
44. Franco Chocy.	45. Paulo Pytel	46. Estanislao Pelech
47. Ostap Pastuszenko	48. Pedro Starodub	49. Franco Rygiel
50. Philemon Starodub	51. Francisco Skotnick	52. Kerelo Kasiano
53. Ignacio Makulak	54. Jozé Rypula	55. Andreas Polniak
56. Romão Szawaryn	57. Szezepas Polniak	58. Paulo Kruszelnick
59. Andre Pajank	60. Miguel Bichecki	61. Marko Szawaryn
62. Alexandre Lubaczewski.	63. Francisco Ikotnicki	63A. Ostap Pastuszenko
64. Roman Poterayko	64A. Pedro Pastol	65. Nicolao Jacyszyn.
66. Martin Kuba	66A. João Kuba	

Fonte: Biblioteca do Colégio São José – Prudentópolis, 2012.

Figura 5 – A “área central” de Linha Esperança. (Na foto, ao fundo a Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, ao centro o Grupo Escolar e o Colégio das Irmãs Servas de Maria Imaculada). Ano 1967.



Fonte: Projeto Político-Pedagógico – PPP – 2008.

O próprio Padre Silvestre comprou o lote 21 (Quadro 1), onde residia o Sr. Pedro Korpan, e o registrou em seu nome no dia 15 de abril de 1901, com o intuito de ali iniciar a construção da igreja greco-católica para os imigrantes. Apesar da dificuldade financeira, por meio de coletas e mão de obra, a igreja começou a ser construída em 1903, sob a direção de Oleba Liubatcheuski e João Rybilh. A madeira era serrada à mão com traçadora. Durante os trabalhos, aconteceu um acidente e um dos operários, Máximo Turtchyn, veio a falecer. Este acidente permanece na memória das pessoas mais idosas da localidade. A igreja ficou pronta em 1906. Neste ano, o Padre Silvestre consagrou a igreja, dedicada a Nossa Senhora do Patrocínio – *Pokrov Bojoi Materi*, e também o cemitério. Em 1913, foram realizadas algumas melhorias na igreja e em 1921 ela foi ampliada por causa do crescimento da população e da chegada de novos colonos (Figura 6).

Figura 6 – Comissão da Igreja.



Fonte: Arquivo da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, s/data.

Em 1943, o Superior Provincial dos Padres Basilianos, o Padre José Romão Martenetz, OSBM, deu início à obra de uma nova igreja de alvenaria. Para essa finalidade, foi construída uma olaria, inaugurada no dia 3 de fevereiro de 1945. A bênção do lugar para a nova igreja, ao lado da primeira, deu-se no dia 27 de abril de 1946. No dia 11 de fevereiro de 1947, o conselheiro geral Padre Josafat Labay, OSBM, que visitava a província brasileira, e o Superior Provincial Martenetz fizeram a bênção da pedra fundamental.

O projeto da igreja é da autoria do engenheiro Rafael Kuliski: tem a forma de uma cruz, com 30 m de altura, 28 de comprimento (32 com o vestíbulo) e 22 de largura. O primeiro construtor foi o Sr. Demétrio Kshyk de Itapará e o que terminou a construção foi o Sr. Mariano Maistrovicz, em 1954. Toda a pedra brita foi preparada à custa de marreta e a areia era trazida de carroça do Rio Anta Gorda. As colônias filiais de Barra Bonita, Barra d'Areia, Linha Paraná, Eduardo Chaves e Linha Piquiri colaboraram generosamente na construção da imponente e bela igreja.

Os sacerdotes que dirigiram a obra foram o Padre Orestes Karpliuk, OSBM, em seguida, o Padre Benedito Melnyk, OSBM, e finalizada pelo Padre José Orestes Preima, OSBM, que assumiu a direção em 1949. A sua inauguração solene, com a bênção do templo e o rito da dedicação do altar, foi oficiada por Dom José Romão Martenetz, OSBM, no dia 8 de dezembro de 1959. (Figura 7).

Figura 7 – Construção da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio concluída – 1959.



Fonte: Arquivo da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio – Linha Esperança.

A comunidade de Linha Esperança e outras comunidades do município, como Linha Nova Galícia, Linha Guarapuava, Linha Candido de Abreu, Linha Barra Bonita, são consideradas pioneiras, ou seja, as primeiras Linhas criadas na Colônia Prudentópolis.

A inexistência de um entroncamento de estradas no período, nos primeiros anos da presença dos ucranianos em Prudentópolis, não permite desconsiderar a importância dos caminhos, das estradas como meio de contato entre as esparsas comunidades que se formavam nas margens da Linha Telegráfica, bem como entre elas e a pequena vila de Prudentópolis, que se estruturava lentamente. Algumas dessas estradas tinham no transporte da erva-mate e da madeira sua razão de ser. Desta forma, é possível afirmar que a constituição das Linhas rurais no período da colonização europeia se deu de forma linear e areal. O povoamento e as atividades econômicas obedeciam aos caminhos terrestres que eram abertos para o escoamento da erva-mate e da madeira. Assim, as comunidades estavam situadas nas margens esquerda e direita dessas estradas, bem como em áreas que contornavam o nascente núcleo urbano, a denominada vilinha.

6 COMUNIDADE RURAL OU LOCALIDADE RURAL DE LINHA ESPERANÇA ATUALMENTE

No decurso da investigação sobre a organização social das comunidades rurais, questionou-se sobre a abordagem da Linha Esperança como uma comunidade, ou deveríamos denominá-la de localidade, considerando que nesta a organização das famílias corresponde a simples aldeias onde cada “casa” passou a instituir uma unidade de produção e consumo relativamente disjunta. A interdependência entre todas as “casas” da comunidade não pode ser mensurada cotidianamente e o trabalho individualizado das unidades familiares reina na localidade,

porém observou-se que o trabalho os torna comunidade de congregação, desenvolvido pelas instituições religiosas, o Colégio das Irmãs (Figura 8) e o Padre que atende a comunidade.

A situação socioeconômica das famílias de Linha Esperança é boa. Todas trabalham na lavoura, cerca de 80% plantando feijão e o restante, fumo. Temos na comunidade duas casas de comércio, as “vendas” e três açougues que comercializam carne bovina, suína, defumados e embutidos como a linguiça. Não existem famílias miseráveis. Alguns agricultores plantam soja. Algumas famílias estão começando a dar valor à produção do maracujá e do morango. Quase todas as famílias têm seu carro e casa de alvenaria.

A comunidade é constituída por mais ou menos 450 famílias, distribuídas pelas seguintes linhas: Linha Ivaí Velho, Linha Carlos Gomes, Linha Paraná Faxinal, Linha Santos Andrade, Linha Xavier, Linha União e Centro (Quadro 2).

Quadro 2: Famílias residentes na Comunidade Rural de Linha Esperança – Ano 2012 (sentido Leste a Oeste da Linha).

1. Ochoski*	2. Petel	3. Okarenski
4. Ternouski	5. Antonio	6. Ternouski
7. Repula	8. Repula	9. Pastuchenko
10. Ochoski	11. Ochoski	12. Ochoski
13. Petel	14. Zabloski	15. Volovetch
16. Suchmanouski	17. Petel	18. Tracz
19. Petel	20. Petel	21. Petel
22. Marmachuk	23. Derhun	24. Antonio
25. Frank	26. Cheutzchuk	27. Antonio
28. Rechetnik	29. Antonio	30. Antonio
31. Repula	32. Antonio	33. Hauresko
34. Petel	35. Douhan	36. Ternouski
37. Potchenek	38. Mianctki	39. Potchenek
40. Ternouski	41. Iastremski	42. Galmanski
43. Semzezyn	44. Semzezyn	45. Antonio
46. Ternouski	47. Rodena	48. Salak
49. Zubek	50. Kachutski	51. Ternouski
52. Zubek	53. Kruk	54. Choma
55. Choma	56. Ternouki	57. Sparyk
58. Semchechen	59. Furmann	60. Furmann
61. Bos		

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

* Famílias com os mesmos sobrenomes que permanecem na Localidade de Linha Esperança, desde a instalação dos primeiros moradores.

Figura 8: Colégio Estadual Padre José Orestes Preima – Ano de 2006.



Fonte: Projeto Político-Pedagógico – PPP, 2008.

7 CONCLUSÕES

Este trabalho buscou compreender a história da comunidade rural de Linha Esperança, procurando abstrair os principais momentos temporais que foram responsáveis pela organização socioespacial dessa localidade, desde o loteamento pelo governo federal de terras paranaenses, recebidas pelos imigrantes europeus.

Se, nos dias atuais, a comunidade é considerada uma das mais importantes do município, o mesmo não se pode afirmar quando este mesmo tratamento analítico se aplica ao seu passado.

Nos primeiros anos da presença ucraniana na região, não era possível diferenciá-la do restante do território prudentopolitano, já que, por suas características socioespaciais e geoeconômicas, a comunidade formava uma continuidade indiferenciada do que, à época, se convencionou denominar de interior do município.

A agricultura diversificada desenvolvida em pequenos terrenos, a criação extensiva de suínos e o comércio tímido, porém importante para as populações locais foram os responsáveis principais pela existência de esparsos assentamentos humanos.

Esse quadro da realidade de Linha Esperança sofre transformações significativas no final do século XX, com a migração de parte dos filhos para o trabalho urbano, fato que compromete a sucessão da propriedade familiar e o trabalho agrícola desenvolvido nestas.

Embora a geografia histórica ainda não seja muito utilizada nas pesquisas, ela vem ganhando espaço de forma representativa. No transcurso da pesquisa, vimos a dificuldade de aliar o conhecimento histórico à pesquisa geográfica, ou seja, buscar no tempo passado aspectos importantes ao desenvolvimento da pesquisa, os quais contribuíram para a compreensão da atual organização territorial, visto que certas características presentes no espaço são resultantes de ações do período em análise. Por este levantamento histórico, foi possível verificar o grande poder exercido pela Igreja greco-católica e Estado na conformação do território da comunidade de Linha Esperança.

Com relação à construção dessa comunidade, observou-se que ela segue um rigor geométrico e representa um esforço em vencer a natureza, principalmente quando se observam, nas

falas das pessoas da comunidade, relatos sobre a derrubada das matas, grossas árvores para abrir clarões e construir suas casas ou estradas.

Buscou-se ajuntar elementos da geografia histórica para compreender a formação da comunidade, tarefa nada fácil, em virtude da existência de poucos escritos sobre o assunto e carência de fontes primárias, como mapas e plantas que revelem a estrutura deste espaço desde a sua criação. Importante também salientar que algumas das poucas fotos históricas que retratam o passado da comunidade não apresentam a cronologia exata. Entretanto, a investigação no campo da geografia histórica possibilitou melhor entendimento do processo de criação da comunidade rural de Linha Esperança e demais comunidades de colonização ucraniana.

Observou-se que Linha ainda mantém como herança material um patrimônio móvel e imóvel relativamente expressivo, sempre bem conservado, como é o caso da igreja, das casas de madeiras, das práticas agrícolas, dentre outras que são testemunhos e contribuem na reconstituição de parte do passado da comunidade, das ações de seus moradores como atores locais, da preservação de suas técnicas agrícolas e das relações de trabalho tradicionais como, por exemplo, a parceria, o compadrio e os registros fotográficos que colaboram com a manutenção de suas memórias.

NOTAS

¹ Falamos de ucranianos católicos, haja vista que consta em grande parte dos escritos sobre a instalação dos colonos ucranianos em Prudentópolis e a luta imediata pela construção de uma igreja ucráino-católica nas comunidades com o intuito de agregá-los e auxiliá-los em terras brasileiras.

² Venda corresponde às casas de comércio que se instalaram na comunidade para vender ou trocar com os colonos produtos como roupas, bebida, dentre outros, por aqueles que estes não produziam.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras. Geografia** I série, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998. Disponível em: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf. Acesso em: 15 nov. 2012.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Um território indiferenciado dos sertões: A Geografia Pretérita. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia - Goiás – Brasil, v. 29, n.º. 1, p. 47-56, jan. / jun. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Meio Ambiente e a Metrópole. In: **Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992.

DOLLFUS. Olivier. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: DIFEL, 1982.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica – Considerações. Ano V, n.º 9, **GEoграфия** 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/114/111>>. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GOMES, Neonila (org). **Prudentópolis**: sua terra e sua gente. Prudentópolis, 1972.

KOUBETCH. Dom Volodemer OSBM. Visita canônica na Paróquia São Josafat – Linha Esperança. Eparquia São João Batista, Igreja Católica de Rito Ucraniano. ЄПАРХІЯ СВЯТОГО ІВАНА ХРЕСТИТЕЛЯ В БРАЗИЛІЇ. In: **Boletim** n. 23, Curitiba, p. 01 -03, out./dez. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

PIRES, Hindenburgo Francisco. **Reflexões sobre a contribuição da Geografia Histórica e da geohistória na renovação dos pensamentos geográfico e histórico no século XX**. In: I COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO – 1, Universidade Federal de Uberlândia, 2008. Anais. Uberlandia: Instituto de Geociências, Brasil, 27 a 30 de abril de 2008.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PPP. Escola Rural Municipal de Linha Esperança – Ensino Fundamental. Linha Esperança – Prudentópolis, 2008.

SAMPAIO, S.S. O Passado e a Geografia: O Espaço Urbano de Rio Claro e os Testemunhos Concretos de Atividades Industriais Pretéritas. **Revista do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro**, p. 5-9, out. 2010.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004. (Coleção Milton Santos).

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo. Edusp, 2008. 385p.

SILVA, L. M. T. Trajetórias pela Geografia Histórica. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves et al. (Orgs.). **Itinerários Geográficos**. Niterói: Eduff, 2007. p. 71-84.

SILVA, M. W. da. A Geografia e o estudo do passado: conceitos, periodizações e articulações espaço temporais. In: **Terra Brasilis História da Geografia e Geografia Histórica** (Nova Série), 1 (2012). Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/246>. Acesso em: 02 fev. 2013.

TEDESCO, J. C. **Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural**. Passo Fundo: EDIUPE, 2001.

Data de submissão: 11.03.2013

Data de aceite: 02.02.2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.